

Apropriação de Espaços públicos – Estudo da Rua Assis Brasil em São José/SC

Prof. Ph.D. Roberto de Oliveira ¹
Márcia Regina Livramento ²

¹ UFSC – Depto. de Engenharia Civil
88.040-000 Florianópolis SC
ecv1rdo@ecv.ufsc.br

² CEFET-SC – Depto. de Eletrotécnica
mlivra@cefetsc.edu.br
88.020-301 Florianópolis SC

Resumo: este artigo é resultado de uma pesquisa que trata da questão dos atributos que contribuem para a apropriação do espaço público da rua por parte dos moradores em um trecho da rua Assis Brasil, num bairro de periferia na cidade de São José. A análise soma observação técnica e pontos de vista dos moradores sobre o espaço da rua. O resultado apresenta um panorama de forte identidade social e cultural entre esses moradores, e os aspectos físico-formais dividiram-se em positivos e negativos. Como positivos, evidenciam-se a escala da rua e a permeabilidade dos edifícios, e como negativo, salientam-se a falta de espaço e a pavimentação dos passeios. Atributos de imaginabilidade do lugar são relativos à paisagem natural, e o relacionamento entre a vizinhança é estabelecido por longo convívio. Como considerações de pesquisa, ressaltam-se a complexidade das razões que geram ou não a apropriação dos espaços públicos e a necessidade de se conhecer o grupo social em sua cultura específica para então serem propostas soluções arquitetônico-urbanísticas.

Palavras-chave: Apropriação. Espaço público. Imagem mental. Integração social. Identidade.

Abstract: : This article is the result of a research which deals with the issue of the attributes that contribute for the appropriation of public spaces of the street by the population in the developed research, which was done in a part of Assis Brasil Street located in a periphery suburb of the city of São José. The analysis adds observation and points of view from people who live there about the local space. The results present an overview of strong social and cultural identity between the local people. The formal and physical aspects observed in this study were divided into positives and negatives. As positives, it has been highlighted the street scale and the permeability of the buildings. As for the negatives, it has been noticed the lack of space and pavement sidewalks. Attributes of reasonability of the place are related to the local landscape, and the relationship among neighbors is established by a long conviviality. As research considerations, it has been observed the complexity of reasons, that generate or not, appropriation of public spaces and the necessity of knowing the social group into his specific culture to propose architectural and urban solutions.

Key-words: Appropriation. Public Space. Mental Image. Social Integration. Identity.

1 Justificativa

A justificativa desta pesquisa relaciona-se ao Planejamento Urbano, mais especificamente ao Desenho Urbano – segundo Del Rio (1990, p. 54), denominação do campo disciplinar que tem como objetivo tratar da dimensão físico-ambiental da cidade.

A análise da relação do Desenho Urbano com os aspectos sociais é inerente às cidades, porém são necessárias freqüentes abordagens na realidade dos espaços da atualidade, cujas transformações acontecem rapidamente, e intervenções ainda calcadas em valores baseados no modernismo.

Nos bairros das cidades brasileiras, existe uma tendência na consulta à comunidade por meio de representações em reuniões de moradores e audiências públicas para confecção do Plano Diretor Participativo. Porém, a justificativa deste estudo refere-se ao conjunto de métodos que visam realizar um levantamento mais profundo fundamentado na cultura de comunidades que vivem nos mais variados locais e, de certa maneira, segregadas. Não se propõe a abolição das modalidades existentes para a construção do Plano Diretor, mas se sugere acrescentar ao conjunto técnicas que permitam um panorama prévio de grupos para posteriores encaminhamentos.

Relaciona-se também a análise da Arquitetura Vernacular não nos aspectos estéticos, mas nos aspectos físico-espaciais que têm repercussão no Urbanismo.

1.2 Objetivo geral

Investigar a rua Assis Brasil em seus atributos de apropriação do espaço pelos usuários.

1.3 Objetivos específicos

Os objetivos específicos foram: caracterizar a rua Assis Brasil como referencial de significância para a cidade de São José; identificar a visão do transeunte quanto às razões que justificam o uso ou não da rua; verificar as transformações ocorridas na rua ao longo dos últimos quarenta anos e como os moradores percebem essas modificações; analisar a configuração espacial e relacioná-la ao potencial de uso e apropriação; e indicar os fatores que colaboram para a apropriação da rua Assis Brasil.

1.4 Hipótese

A hipótese deste trabalho é a de que lugares da cidade – ruas, praças, logradouros – são portadores de valores objetivos e significativos para os seus moradores e freqüentadores, e que a configuração físico/espacial desses lugares contribui ou não para que as pessoas se apropriem do espaço. Portanto, deve ser possível apreender e compreender esses valores a partir do registro da percepção de moradores e freqüentadores de determinado local.

2 Revisão de literatura

A apropriação do espaço é vista como uso e permanência, mas numa conceituação mais profunda apresentada por Rooseman Silva (apud COSTA, 2004, p. 23), ela realiza-se em dois momentos: (1) no primeiro, é a adequação do espaço a uma determinada atividade introduzida pelo sujeito; (2) no segundo, a adequação a uma identificação desse sujeito com o espaço gerado tanto pelo bom desempenho da atividade como pela relação de objetos, signos e códigos presentes no espaço.

Contribuições oriundas da Fenomenologia (HUSSERL, 1990; MERLEAU-PONTY, 1999) vêem a percepção como a percepção do espaço vivido, ou seja, é individual e cultural, o que dará sentido ao espaço percebido, e destacam a intencionalidade. A geografia cultural também estuda o espaço percebido e vivido configurando-se em categorias como paisagem local e lugar.

Destaca-se o conceito de ambiente como um sistema ecológico constituído por cinco elementos: (1) o indivíduo; (2) o ambiente físico; (3) o ambiente pessoal; (4) o ambiente suprapessoal - o sistema social existente nas normas sociais e (5) instituições (LAWTON, 1970) e o que considera com sete elementos: (1) perceptivo; (2) expressivo; (3) campo de valores estéticos de uma cultura e valores em geral; (4) adaptativo; (5) interativo; (6) instrumental; e (7) sistema geral de relações ecológicas dos componentes

anteriores. (ITTELSON, 1969 apud RAPOPORT, 1978).

O que os dois conceitos revelam em comum é a multiplicidade do ambiente social, cultural e físico e a implicação de uma correlação entre as transformações do ambiente físico e as mudanças em outros âmbitos, tais como psicológico e sociológico nos indivíduos.

Existe consenso em admitir que o ambiente possa influenciar no comportamento e potencializar a interação social. Com base em Holanda (2003), Alexander (1961) e Jacobs (2007), cabe relacionar atributos que possam assim contribuir com o Desenho Urbano.

As dimensões sociais e culturais também estão sempre presentes na definição dos ambientes, diante dos quais medeiam a percepção, a avaliação e o comportamento. A cultura é vista como “conjunto de valores, crenças, pontos de vista sobre o mundo em geral e um sistema de símbolos compartilhados que se aprendem e se transmitem por um grupo de pessoas” (KROEBER; KLUCKHON, 1952 apud RAPOPORT, 1984).

Vários autores afirmam que a sustentabilidade urbana deve começar pelos espaços públicos de bairro, tais como a rua, pois é nesse espaço e na moradia que se revela o equilíbrio da cidade. A rua como espaço público deve promover a sustentabilidade social, que objetiva a redução dos níveis de exclusão e a melhoria da qualidade de vida pelo contato humano.

Finalmente os atributos que podem promover a apropriação são: identidade social e cultural; imagem forte; alta densidade (não por meio da verticalização e nem a superpopulação) com testadas dos lotes reduzidas e pequenas quadras; espaços para concentração de pessoas; boas calçadas; redução de autopistas que geram grandes vazios, dificultando o tráfego de pedestre; usos diversificados – para reduzir a necessidade de o morador deslocar-se para outro bairro, diminuindo a circulação de veículos automotivos; e promoção da acessibilidade a todas as localidades da cidade assim como a qualidade ambiental.

A Arquitetura pode contribuir para a apropriação dos espaços públicos por meio de habitações e de outras edificações com pequenos recuos, janelas voltadas para a rua, lotes sem muros, muros baixos ou transparências, os quais irão proporcionar um maior controle da rua pelos moradores. Os autores que serviram de base para a pesquisa foram Alexander (1966), Lynch (1980) e Jacobs (2007).

Del Rio (1990) afirma que existem categorias de análise do ambiente que envolvem os seguintes pontos: comportamento ambiental (SOMMER; SOMMER, 1980); morfologia urbana (KOHLSDORF, 1996; JACOBS, 2007); e análise visual e percepção ambiental (CULLEN, 1974; LYNCH, 1960).

O presente estudo procurou suporte na afirmação de DaMata (1997), o qual afirma que o espaço confunde-se com a própria ordem social, e que, sem se entender a sociedade com as suas redes de relações sociais e seus valores, não se pode interpretar como o espaço é concebido.

Em seguida, buscou-se em Santos (1981) a visão da rua como um universo de múltiplos eventos e relações. As técnicas foram definidas com base no conceito de “sentido dos lugares”, de Canter (1978), que envolveu: (1) dimensões comportamentais; (2) dimensões físicas; e (3) dimensões de percepção.

3 ESTUDO DE CASO

O bairro em que se localiza a rua estudada caracteriza-se por uma costa que avança pelo mar e aproxima-se da foz do rio Maruim. A rua é estreita para os usos, aproximadamente oito metros (mão dupla, veículos pesados e passeios). A pavimentação é de asfalto. O trecho de estudo situa-se no final da rua, tendo aproximadamente 500 metros de extensão, como mostra a Figura 1 abaixo.



Figura 1 - Vista aérea do bairro Ponta de Baixo. Fonte Google Earth, 2008

A amostra compõe-se de indivíduos de origem simples, na sua maioria com baixo nível de escolaridade, descendentes de pescadores e oleiros originários na região.

4 MÉTODOS

A pesquisa é qualitativa, e a etnografia é empregada como estratégia central. Buscou-se a profundidade da análise por meio de vários instrumentos aplicados em uma pequena amostra. As técnicas adotadas foram: (1) observação direta; e (2) entrevistas, sendo essas últimas divididas em perguntas abertas (cinco moradores mais antigos, com mais de trinta anos morando no local). Esses moradores relataram quais foram as principais transformações ocorridas e suas percepções sobre elas. As entrevistas foram semi-estruturadas (com a participação de treze moradores escolhidos aleatoriamente), em que se aplica um questionário para obtenção de dados pessoais seguido de um mapa mental da rua e de perguntas diretas que abordam aspectos sobre a imagem mental, o uso e a qualidade da rua.

Os métodos buscaram abranger as três dimensões de David Canter (1978):

a) Dimensões comportamentais – por meio de (1) mapeamento comportamental (SOMMER; SOMMER, 1980) feito ao longo do dia, mapeando-se a presença das pessoas que estão na rua (não em veículo motorizado), classificadas por gênero, faixa etária e atividade envolvida, e (2) observação direta com registro detalhado e análise dos dados do mapeamento comportamental para complementação.

b) Dimensões físicas – por meio de visitas de exploração, com observação direta e registro visual dos atributos físico-espaciais contidos na rua.

c) Dimensões de percepção – por meio das entrevistas abertas, os moradores mais antigos apresentam as principais mudanças ocorridas. As entrevistas semi-estruturadas buscam a percepção dos moradores sobre a rua com base em perguntas diretas (sobre o uso e as qualidades da rua) e com a aplicação dos mapas mentais (LYNCH, 1980) para análise do aspecto *imageabilidade*.

Cabe ressaltar que as dimensões comportamentais e de percepção envolvem a cultura local, assim como as dimensões físicas possuem ligação direta.

5 RESULTADOS E ANÁLISE DAS FERRAMENTAS

5.1. Observação direta (Dimensão comportamental)

A observação direta foi feita utilizando-se o Mapeamento Comportamental (SOMMER; SOMMER, 1980), que verificou usos diversos da rua pelos moradores (de faixas etárias e gêneros diferentes) e apenas como via de passagem pelos visitantes. Os moradores praticam atividades como caminhadas corriqueiras – levar um filho ao colégio, fazer compras, ir à casa de parentes ou vizinhos. Os homens envolvem-se em trabalhos de construção, conversas, lavagem de automóvel e visitas ao bar. As crianças muitas vezes acompanham as mães e avós na caminhada às compras ou brincam no passeio e na via de rolamento. Dos visitantes, destacam-se os adultos em caminhadas ou corridas como atividade física.

Esta ferramenta mostrou-se adequada para averiguação da presença na rua de pessoas de diversos gêneros e idades, bem como das atividades às quais essas pessoas se atêm.

5.2 Observações comportamentais participantes e registro visual dos usos

Visitas de exploração feitas em horários e dias diferentes da semana revelaram que muitas famílias moram perto umas das outras, sendo costume diário a rápida visita a um vizinho ou parente. As mulheres conversam em frente à sua casa ou à frente da casa visitada geralmente no período da tarde. Os homens têm por hábito conversar na rua, em estabelecimentos comerciais ou à sombra das árvores. Eles costumam envolver-se em pequenas reformas na sua habitação ou conversam com outros homens no fim do dia e nos fins de semana no bar. As crianças podem ser classificadas como pequenas (até sete anos) e grandes (dos 8 em diante). As crianças menores costumam brincar em casa ou no quintal e quando passeiam na rua estão acompanhadas da mãe, de um irmão mais velho e, algumas poucas vezes, do pai. As maiores de sete anos muitas vezes são vistas brincando na calçada e na via de rolamento, e também numa área aterrada pela dragagem que se faz na foz do rio Maruim.

Esta ferramenta mostrou-se adequada para um registro mais aprofundado dos usos e costumes das pessoas que moram na rua, pois se percebe um pouco do que estava por trás dos usos revelados no mapeamento comportamental. Por meio do registro visual, foi possível observar que a maioria dos

moradores é conhecido ou parente de outro e também que residem há muitos anos nessa rua, o que revela certa identidade cultural.

5.3 Visitas de exploração (Dimensão física)

Nas visitas de exploração percebeu-se que a maior parte dos lotes possui pequenas dimensões e testadas curtas. As edificações são na maioria formadas por habitações unifamiliares, mas há a presença de pequenos apartamentos de aluguel. Essas edificações são de um e dois pavimentos, normalmente com janelas voltadas para a rua, embora existam exceções. Os muros na maioria são baixos. A rua possui a escala do homem, ou seja, permite que se veja e atravesse para o outro lado facilmente. Os passeios não são contínuos, possuem pouca largura ou em alguns pontos quase nenhuma, e a pavimentação em alguns casos é inexistente.

5.4 Entrevistas abertas (Dimensão de percepção)

Os relatos foram concedidos por cinco pessoas que moram há mais de 30 anos nessa rua para averiguação das principais transformações ocorridas nos últimos 30/40 anos e como eles percebem essas modificações, conforme mostra o Quadro 1. O objetivo é averiguar percepções ligadas a lembranças de experiências passadas e experiências de interação social.

A rua Assis Brasil há mais de 30 anos (entrevistas abertas com moradores antigos)					
CONFIGURAÇÃO FÍSICA					
Mais estreita – metade da largura de hoje	Não passava ônibus	Não possuía iluminação pública	Poucas casas – as terras inicialmente foram doadas a algumas famílias (família Trüppel)	A orla era diferente – mudança na própria maré e na orla do rio	Edificações de madeira e tijolos na orla
ATIVIDADES					
Presença de olarias	Presença de fornos de cal de conchas	Presença de um curtume	Pesca	Roça e pastagem na encosta do morro	Confeção de canoas, carroças, móveis para uso próprio.

Quadro 1 - Panorama da rua descrito por moradores antigos.

Hoje os pontos positivos destacados pelos moradores antigos são: o silêncio de dia durante a semana; a segurança e a tranquilidade; a acessibilidade; a infra-estrutura no que se refere à energia elétrica; e a pavimentação da rua.

Entre os pontos negativos atualmente destacados por eles estão os seguintes: buracos na rua gerados pelo sistema de abastecimento de água, que é muito antigo e não agüenta a pressão ou o tráfego pesado de veículos; falta de coleta de esgoto; poluição do mar e rio; o fato de conhecerem pouca gente em relação a antigamente.

Esta ferramenta mostrou-se adequada para o registro das principais transformações ocorridas no lugar e de como os moradores, bastante receptivos, percebem essas transformações. Analisando-se as entrevistas, percebem-se poucas diferenças de visões por gênero e ligações com experiências passadas, principalmente aquelas ligadas à interação social.

5.5 Entrevistas semi-estruturadas (Dimensão de percepção)

5.5.1 Na análise dos gráficos contendo os dados pessoais dos entrevistados, verifica-se que a amostra é composta em sua maioria de mulheres adultas que não trabalham fora, sendo poucas mulheres jovens, todas mães. A maior parte também é natural de São José, residindo há mais de 15 anos na mesma rua. O nível de escolaridade é baixo, com 60% tendo concluído o ensino fundamental. Costumam deslocar-se pela localidade a pé. O levantamento dos dados pessoais foi positivo para a análise da relação com a percepção que os moradores fazem do lugar. Conclui-se que a amostra é um tanto homogênea no que se refere a gênero, atividade exercida e nível de escolaridade e também com relação à permanência da moradia (mais de 15 anos no local). A pergunta sobre o modo de deslocamento mostrou que a maioria desloca-se a pé, o que comprova uma característica ligada ao potencial (social e cultural) para o contato

humano.

5.5.2 Mapas mentais (Dimensão de percepção)

Alguns mapas mostraram-se pobres em elementos, aparecendo nos desenhos somente as linhas de meio-fio. Porém, mesmo esses desenhos expressam aspectos físico-formais da rua, tais como subidas, descidas ou curvas e problemas como buracos e falta do passeio. Já em outros mapas, percebe-se a presença do mar, do morro e das árvores. Em muitos mapas, o trecho desenhado é somente aquele em que moram e a sua moradia, o que pode ter relação com o fato de a maioria dos entrevistados ser mulher que não trabalha fora.

Observa-se que, quando se pede para desenhar o mapa da rua, alguns desenharam somente a rua, sem perguntar nada, parecem querer se livrar logo da tarefa. Quando em um segundo momento o entrevistador diz que podem desenhar o que quiserem do lugar em que moram, só alguns (mais familiarizados com lápis e papel) desenharam outros elementos.

A ferramenta mostrou também que, quando os entrevistados sentem-se mais à vontade, desenharam o morro, o mar, as árvores. Isso mostra que o lugar possui imagem forte para seus moradores pelas características naturais e, pode-se dizer, para o visitante também, que faz atividade de caminhada na rua, pois tal característica parece convidativa.

Sobre as mulheres, percebe-se que a visão delas é muito ligada ao trecho específico em que moram, aparentando relação com a sua vida diária, envolvidas em atividades ligadas a casa e ao cuidado dos filhos. Essas mulheres não saem muito de casa, entretanto, conhecem bem o ambiente que as cerca: a rua em frente, a vizinhança próxima e o rio, quando moram desse lado.

5.5.3 Perguntas diretas (Dimensão de percepção)

Foram feitas 14 perguntas diretas que relacionam aspectos agrupados como:

- qualidades da rua, ligação com o lugar, imageabilidade e clareza de limites e insatisfações; e
- hábitos e contato humano, e interação social.

a) Qualidades da rua, ligação com o lugar e insatisfações

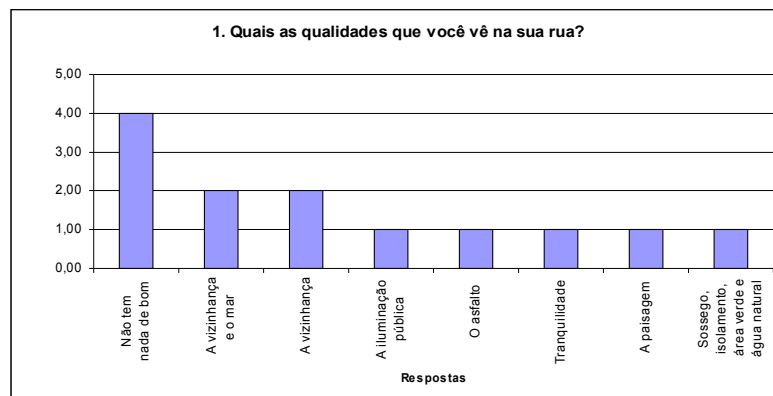


Gráfico 1 - Respostas à pergunta "Quais as qualidades que você vê na sua rua?"

Analisando-se o Gráfico 1 acima, constata-se, pela diferença de respostas, primeiramente, que quando se pergunta aos moradores quais são as qualidades da rua, eles podem não saber exatamente o que se quer com esse questionamento. O maior número de respostas foi "não tem nada de bom", e outros responderam que a maior qualidade seria o mar. Outros ainda deram respostas sobre questões do convívio e sobre a infra-estrutura, como a iluminação pública e o asfalto. Talvez entendam a "rua" só como a via de rolamento ou a via de rolamento e o passeio. Entretanto, é possível verificar uma ligação das pessoas com o mar, com os vizinhos e com a paisagem. A relação de qualidades demonstra alguma identidade cultural e social.

Aparecem também respostas como, a tranquilidade, o sossego, o isolamento, a paisagem, a área verde e a água natural, o que demonstra preocupação com a infra-estrutura, a valorização da paisagem, a tranquilidade do lugar e singularidades como o acesso à água natural. No conjunto de respostas à

pergunta um, seria prematuro afirmar que existe forte ligação com o lugar, porém há indícios pela identidade em algumas respostas.



Gráfico 2 - Respostas à pergunta "Como faria a descrição física da sua rua?"

Respostas à pergunta dois, identificada no Gráfico 2 acima: o objetivo desta pergunta é obter a imagem mental da rua, acrescentando dados ao desenho feito anteriormente. As respostas à descrição física apresentaram variedade nos temas abordados própria da análise ambiental em que está implicada a percepção individual dos moradores. No conjunto de respostas, apareceram: movimentada, lugar bom, rua com duas saídas, rua barulhenta, tem um lado bom e outro ruim, tem asfalto, não tem calçada, não tem parque, é uma geral próxima à praia, há rio e mar, não há coleta de esgoto, é um bairro nobre segundo a história, não há estrutura, é calma, tem crianças jogando bola, tem movimento de carros, tem olarias, tem dois bares e mercearia e tem hoje uma loja de vidros.

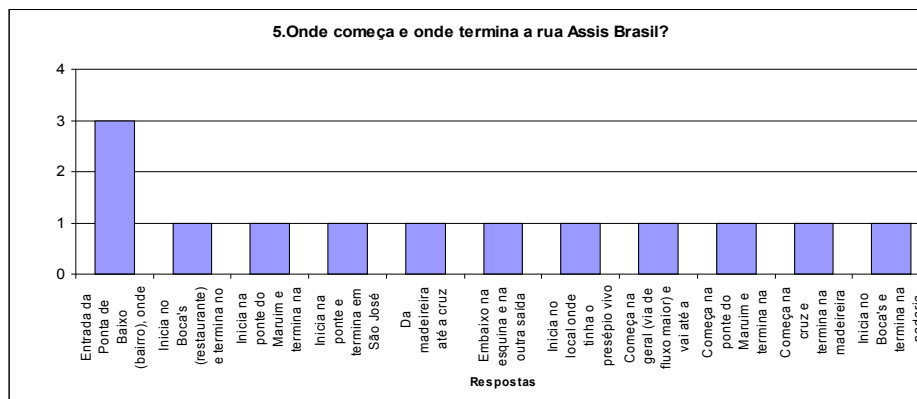


Gráfico 3 - Respostas à pergunta "Onde começa e onde termina a rua Assis Brasil?"

As respostas à pergunta cinco (Gráfico 3) mostraram uma grande variação de pontos que limitam a rua, porém, apesar da imprecisão, são todos muito próximos, o que demonstra que o conjunto pode ser visto como limite pelos moradores. Os pontos parecem ter relação com o cotidiano dessas pessoas. Todavia, algumas respostas, como as que apontam "o presépio vivo", têm relação com lembranças passadas, pois esse presépio não existe há mais de vinte anos.



Gráfico 4 - Respostas à pergunta "O que gostaria de mudar na sua rua?"

Nas respostas à pergunta “O que gostaria de mudar na sua rua?” (Gráfico 4), os moradores revelaram preocupação com a questão ambiental, tal como coleta de lixo ineficiente, coleta de esgoto, preservação da mata e poluição sonora na madrugada. As respostas relacionadas à infra-estrutura apontaram calçadas melhores e problemas na rede de abastecimento de água. Os entrevistados também demonstraram a falta de diversidade de usos nas respostas mercado, açougue, posto de saúde, padaria, farmácia, creche e parque para as crianças. Uma moradora respondeu que gostaria que todos se dessem bem, e outra denunciou a ocupação por um morador da servidão de acesso à praia.

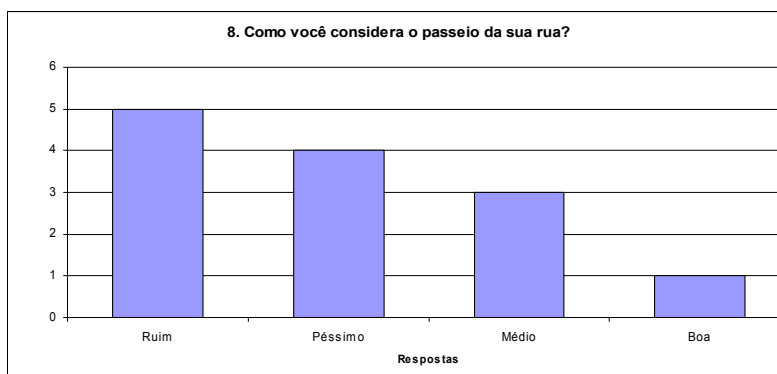


Gráfico 5 - Respostas à pergunta “Como você considera o passeio da sua rua?”

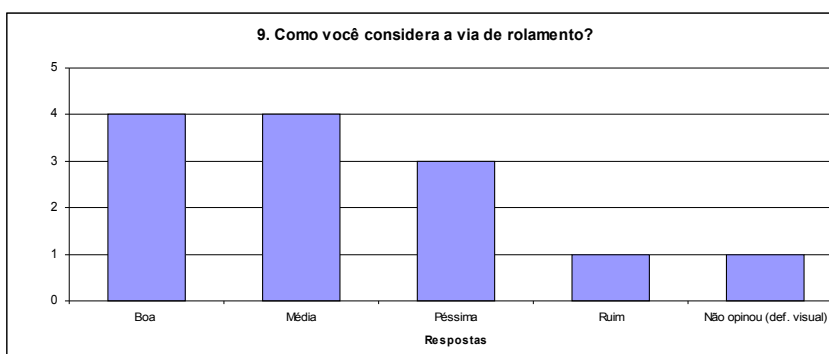


Gráfico 6 - Respostas à pergunta “Como você considera a via de rolamento?”

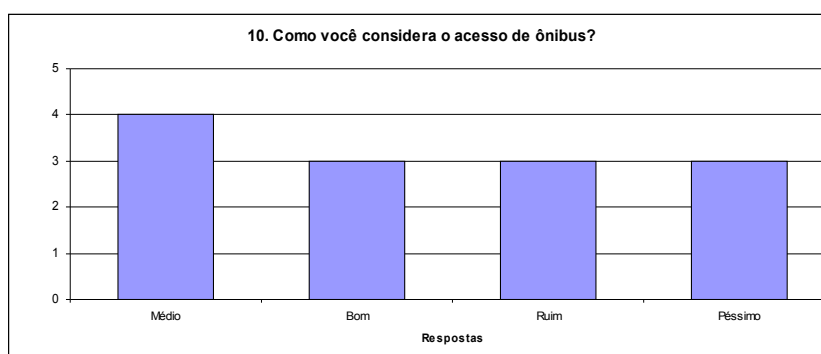


Gráfico 7 - Respostas à pergunta “Como você considera o acesso de ônibus?”

As perguntas oito, nove e dez abordam a qualidade das calçadas, da via de rolamento e do acesso ao transporte público. Analisando-se os Gráficos 5, 6 e 7, percebe-se grande insatisfação no que diz respeito às calçadas, mas satisfação em relação à via de rolamento. Cabe ressaltar que a maioria das pessoas entrevistadas não dirige, portanto referiram-se à via não como usuários de automóvel, mas como uma impressão de pedestre e morador. Quanto ao acesso de ônibus no local, os moradores demonstraram relativa satisfação.

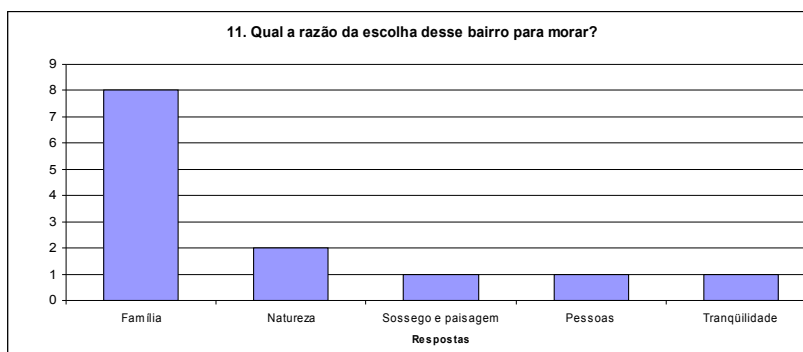


Gráfico 8 - Respostas à pergunta "Qual a razão da escolha desse bairro para morar?"

A pergunta 11 (Gráfico 8) foi feita com o intuito de checar a ligação dos moradores com o lugar e o grau de satisfação deles em relação às suas expectativas anteriores à vinda ao bairro. Pôde-se perceber então uma ligação com o lugar nas repostas a algumas perguntas, mas as respostas à pergunta onze demonstraram que a maioria veio morar nessa rua devido à sua família. Entretanto, há forte indício de que a ligação que essas pessoas possuem com o lugar tenha relação com o fato de morarem lá há muitos anos e possuírem muitas experiências nesse ambiente. Nas perguntas um e dois sobre a descrição e as qualidades da rua, os moradores responderam que a tranquilidade e a paisagem são características da rua que ressaltam.

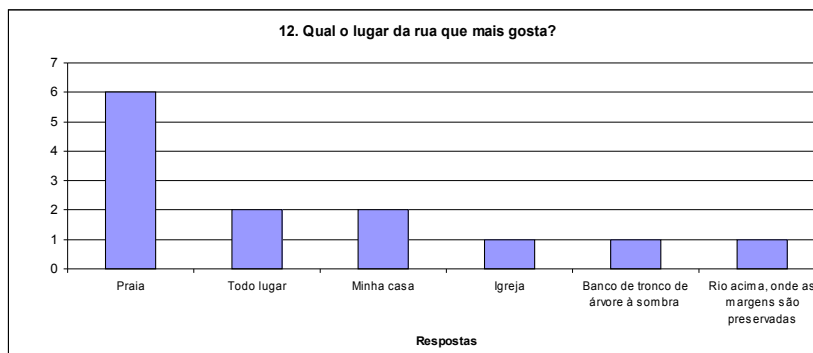


Gráfico 9 - Respostas à pergunta "Qual o lugar da rua que você mais gosta?"

Analisando-se as respostas à pergunta doze, ilustrada no Gráfico 9, percebe-se nos moradores ligação com o lugar mostrada por respostas em que apontam praia, todo lugar ou minha casa e também com a preservação da mata existente, o que se verifica em respostas como rio acima, onde as margens encontram-se preservadas.

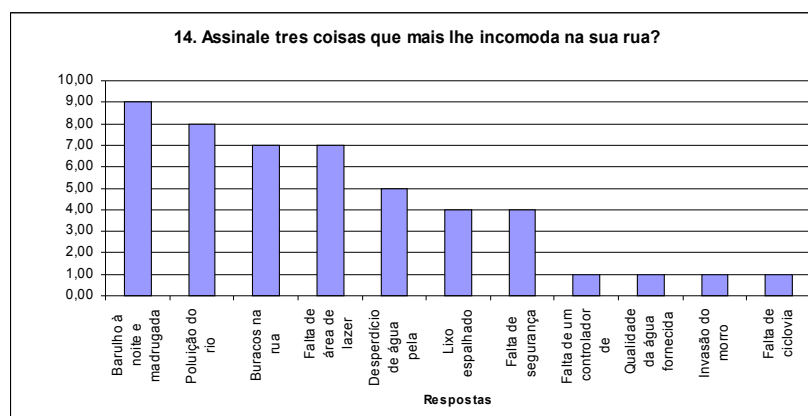


Gráfico 10 - Respostas à pergunta "Assinale três coisas que mais lhe incomodam na sua rua?"

Como representado no Gráfico 10, os moradores poderiam assinalar quantas coisas quisessem que os incomodassem e, analisando-se o conjunto de respostas, nota-se a valorização da tranquilidade do lugar, da natureza e da rua com a pavimentação completa. Também parece perturbá-los a falta de uma área de lazer, o desperdício de água pela companhia de abastecimento, o lixo espalhado, a falta de segurança e a

velocidade dos automóveis.

b) Hábitos, interação social, contato humano.

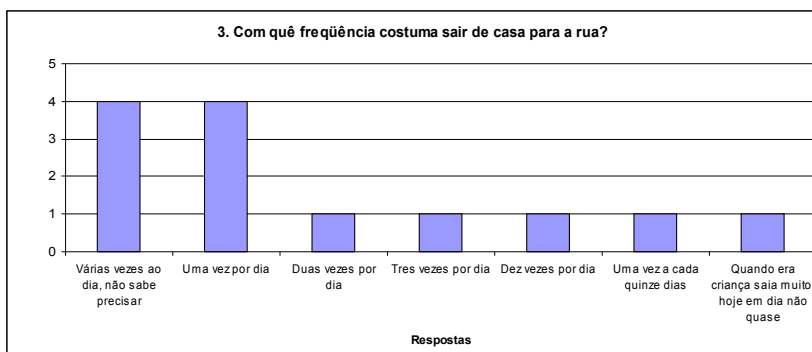


Gráfico 11 - Respostas à pergunta "Com que frequência costuma sair de casa para a rua?"

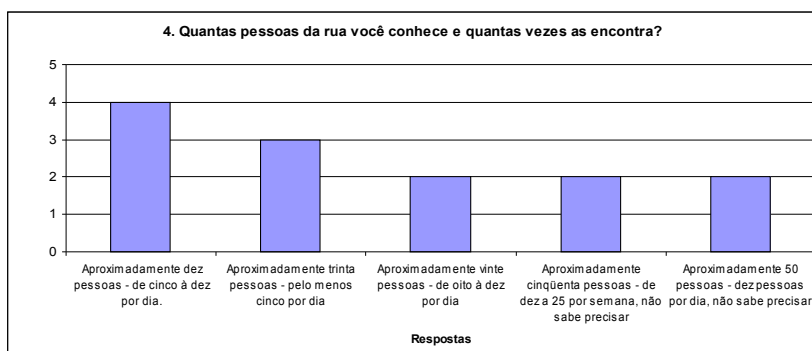


Gráfico 12 - Respostas à pergunta "Quantas pessoas da rua você conhece e quantas vezes as encontram?"

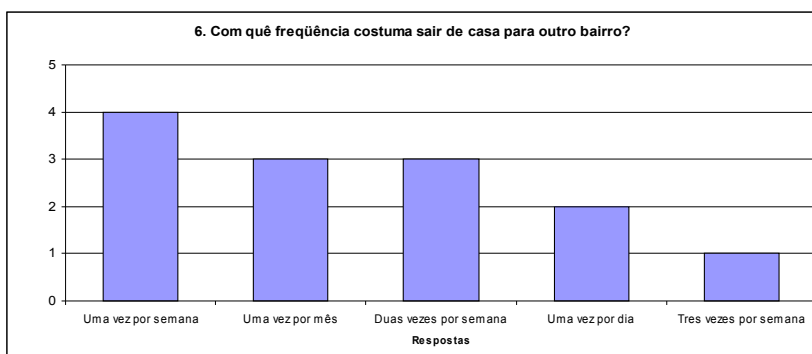


Gráfico 13 - Respostas à pergunta "Com que frequência costuma sair de casa para outro bairro?"

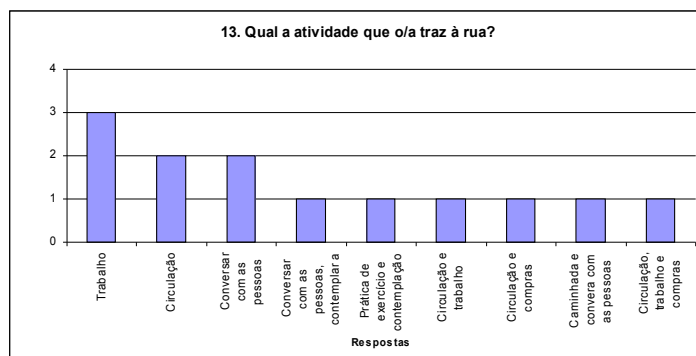


Gráfico 14 - Respostas à pergunta "Qual a atividade que o/a traz à rua?"

Quando indagados sobre a frequência com que iam à rua, pergunta três (Gráfico 11), as respostas foram

duas, três e quatro vezes por dia, mas uma moradora respondeu que saía de casa dez vezes por dia, e quatro moradores disseram que não sabiam precisar a frequência das saídas. Essas respostas demonstram hábitos de sair frequentemente para a rua.

Quanto ao número de pessoas que conhecem da rua, pergunta cinco (Gráfico 12), e com que frequência costumam se ver, quatro moradores responderam que conhecem umas dez pessoas e se vêem de cinco a dez vezes por dia. Três moradores afirmaram conhecer aproximadamente vinte pessoas, dois moradores disseram conhecer cerca de trinta pessoas, e duas moradoras, aproximadamente cinquenta pessoas.

No tocante à frequência com que os moradores saem de casa para ir a outro bairro, pergunta seis (Gráfico 13), o conjunto de respostas mostrou grande variação: uma vez por dia, duas e três vezes por semana e uma vez por mês.

Cabe salientar que o bairro faz limite com o município de Palhoça, tendo um grande comércio próximo, o que facilita ir às compras a pé. Entretanto, o objetivo desta pergunta foi verificar o potencial para o contato humano que as saídas de casa podem proporcionar ao indivíduo, além de revelar aspectos de acessibilidade do lugar.

As perguntas três e quatro permitiram obter informações sobre o relacionamento entre vizinhos, ou seja, sobre a interação social. Nessas respostas percebe-se o hábito da visita, já que os entrevistados responderam que saem para a rua de duas a quatro vezes por dia. A pergunta seis foi reunida a três e quatro por também se referir a hábitos que revelam o potencial da rua para o contato humano.

6 Considerações finais

As técnicas escolhidas não são suficientes se aplicadas sozinhas, porém a adoção de várias técnicas na pesquisa apresentou-se adequada, visto que uma complementa a outra. O mapeamento comportamental permitiu relacionar várias atividades exercidas pelos moradores do local e revelou ser eficiente para demonstrar que o espaço da rua, apesar de seus problemas, é bem utilizado por pessoas de todas as idades e gêneros.

A entrevista aberta mostrou-se positiva no intuito de investigar a questão da significância do lugar para a cidade e expor a percepção dos moradores que nasceram ou viveram muito tempo no local.

A representação que os moradores fazem da rua é ligada à forte lembrança do passado, como exposto nas entrevistas. Quando falaram que uma das características do lugar era a grande concentração de olarias para a confecção de louças utilitárias, atividade esta que está desaparecendo, isso mostra ligação com o lugar por meio da atividade que exerciam, assim como a pesca artesanal deve significar para os homens.

Os entrevistados revelaram várias transformações e o modo como se sentem com a mudança de hábitos. Percebe-se uma identidade cultural na visão de pessoas que viviam da pesca, da roça, num certo isolamento e auto-suficiência, pois construíam objetos como canoas, móveis e carroças para uso próprio.

As transformações narradas revelaram mais pontos negativos do que positivos, com insatisfação relacionada à degradação ambiental. Os idosos mostram não ter esperança em relação ao futuro, já que a poluição é uma constante e há falta de políticas públicas, que poderiam trazer mais cuidados e benefícios para o local. Há, porém, reconhecimento de melhora em relação aos acessos em virtude do alargamento e da pavimentação da via, o que acarreta o reflexo na frequência dos ônibus e na capacidade de mobilidade dessas pessoas.

As entrevistas semi-estruturadas complementaram os relatos, visto que focaram em determinados pontos esquecidos pelos moradores mais antigos nas entrevistas abertas.

A amostra, constituída em sua maioria por mulheres que não trabalham fora, refletiu em suas respostas a vivência do espaço da rua, mais especificamente no entorno da moradia.

A técnica do desenho de mapa mental da rua apresentou-se com certa limitação, porém complementou as outras técnicas empregadas no estudo. A amostra era composta de indivíduos de baixo nível de escolaridade, que apresentaram pouca familiaridade com o desenho, e os mapas em geral mostraram-se pobres em elementos do lugar, o que provavelmente omitiu laços significativos com esses elementos.

Outra questão encontrada refere-se à interpretação do que é a rua para os moradores, quando solicitados a desenhar a sua rua com o que lhes viesse à mente. Cabe a reflexão sobre o que essas pessoas entendem como rua. Talvez alguns a interpretem somente como a via de rolamento ou a via de rolamento e o passeio, tal como mostrado em alguns mapas, ou ainda a considerem o ambiente em seu conjunto.

Em relação à técnica das perguntas diretas, a mesma questão é apresentada. Quando interrogados sobre as qualidades que vêm na sua rua, alguns entrevistados respondem “nada de bom”, e outros citam “a vizinhança, o mar, a tranquilidade”. Nesse sentido, foram necessárias outras perguntas objetivas, tais como “Quais as razões da escolha deste bairro para morar?”, o que amplia o significado de rua requerido com a pesquisa, e “Como faria a descrição física da sua rua?”, pergunta que teve como intento solicitar a imagem mental da rua com seus pontos de destaque.

Cabe ressaltar que todas as perguntas foram feitas oralmente pelo pesquisador, que escrevia as respostas após interrogar ao morador se este gostaria de responder lendo e escrevendo na ficha. Esse comportamento demonstrou dificuldade na leitura e escrita por parte dos entrevistados, que conforme apontam os dados pessoais, possuem pouca escolaridade.

Finalmente, a pesquisa revelou que a apropriação é ligada a atributos diversos que externamente não são percebidos. Por meio da pesquisa, foi possível conhecer a história e a percepção desses moradores, além de investigar aspectos físicos. Como resultados, são evidenciados alguns atributos que possuem importância para esses moradores. A rua é para essas pessoas um espaço de oportunidade para praticar o contato humano. Conclui-se que a apropriação na rua Assis Brasil, especialmente no trecho de estudo, está ligada a valores de identidade social e cultural, e que por mais que se tente ver outros aspectos, esses parecem ser os mais evidentes. O que reforça essa conclusão é a baixa qualidade relativa aos diversos elementos do ambiente da rua e a freqüente menção dos moradores à valorização da vizinhança.

A escala da rua e dos lotes foi ressaltada como atributo físico-espacial positivo por proporcionar o freqüente contato entre os vizinhos – basta imaginar o que aconteceria se a rua tivesse o dobro de sua largura ou se os lotes fossem maiores. Nas habitações, revelaram-se importantes o pouco recuo e as aberturas voltadas para a rua.

7 Referências bibliográficas

- ALEXANDER, Christopher.** “City as a mechanism for sustaining human contacts”: paper, 1966
- BURSZTYN, Marcel** (Coord.). (2000). *Ciência e tecnologia para o desenvolvimento sustentável: subsídios à elaboração da agenda 21 brasileira*. MMA/IBAMA e Consórcio CDS/Unb - ABIPTI, Brasília, 223 p.
- COSTA, Ana Maria.** Calçada dos mascates - promessas e desilusões de uma intervenção urbana: o olhar dos comerciantes informais. Dissertação. 2004. ???f. Mestrado em Desenvolvimento Urbano. Universidade Federal de Pernambuco / UFPE, Recife, 2004.
- DEL RIO, Vicente.** Introdução ao desenho urbano no processo de planejamento. 5. ed. São Paulo: Pini, 1990.
- HOLANDA, Frederico.** Org. Arquitetura & Urbanidade. São Paulo. ed Pró-editores. 2003
- HUSSERL, E.** A idéia de fenomenologia. Lisboa: Edições 70, 1970???
- JACOBS, J.** Morte e Vida de Grandes Cidades. São Paulo. Editora Martins Fontes. 2007
- Metamorfoses do Sec. XX. Artigo. UNB. 2002.
- LYNCH, Kevin.** A imagem da Cidade. ed. Livraria Martins Fontes. S.P. 1980.
- Merleau-Ponty.** Fenomenologia da percepção. Trad. Carlos A. Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- PERSON, Elisângela.** Espaços de Permanência e Passagem: Contribuição para a Elaboração de Diretrizes Ambientais e de Acessibilidade para o Desenho Urbano. Dissertação de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo. Brasília. DF. 2006.
- RAPOPORT, Amos.** Aspectos humanos de la forma urbana. Ed. Gustavo Gili, SA Barcelona, 1978.
- RAPOPORT, Amos.** Introdução a arquitetura. Rio de Janeiro: Campus, 1984.
- SANTOS, Carlos Nelson; VOGEL Arno.** Quando a Rua Vira Casa, A Apropriação de espaços de Uso Coletivo em um Centro de Bairro. Convênio IBAM/FINEP. 2ed. Rio de Janeiro. 1981
- SOMMER, Barbara B, SOMMER, Robert** (1980). Behavioral mapping. In: A PRATICAL guide to behavioral mapping, tools and techniques. Nova York, cap. 14, pp.160-169. Tradução: José Q. Pinheiro.